

## Reflexões sobre o impacto da internet no campo do jornalismo

Notas para a mesa : Análise do discurso: Mídia e novas tecnologias: desafios teórico-metodológicos. SEAD III- Seminário de Estudos em Análise de Discurso, UFRS. Porto Alegre, 31 de outubro de 2007

( **Texto provisório, para discussão apenas** )

### **Introdução:**

Este texto aborda algumas conseqüência das novas tecnologias da comunicação nas condições de produção e sistema de valores da produção jornalística. Assim como a engenharia genética e a biologia molecular mudaram as definições de vida, de morte e de paternidade, a microeletrônica e a nanotecnologia desafiam conceitos básicos do jornalismo entre os quais demarcações entre emissor e receptor, entre imprensa alternativa e de massa, entre esfera pública e privada. Em todos, a internet provocou um grande tumulto, mudanças que já são profundas e ainda não se esgotaram.

Nas novas tecnologias, todos os sinais gráficos e sonoros são reduzidos a registros digitais básicos, que podem ser processados, combinados, manipulados, transmitidos e gravados, nas mais diversas formas, acessados dos mais remotos lugares, com um simples apertar de botão. A composição se torna um jogo de infinitas opções, no qual tudo é flexível, transformável e reciclável, tudo é matéria prima para novos jogos de composição. Todas as linguagens podem se fundir num mesmo suporte, de multimídia.

O escrever tornou-se um exercício lúdico recuperando, num patamar superior, o antigo prazer da escrita caligráfica dos copistas. A internet renovou o encantamento do ser humano com a comunicação e com a arte de escrever. Por isso, tornou-se emblemática desta era que Pierre Levy e Manuel Castells, chamam de “**sociedade da informação**”, ou “**sociedade da comunicação**”.

Nessa nova era, a comunicação tornou-se ao mesmo tempo uma extensão dos sentidos de cada ser humano individualmente, conforme antecipava McLuhan, e o ambiente em que cresce forma-se e socializa o jovem contemporâneo. Ou seja, a comunicação adquire dimensão antropológica. Nessa nova era, todos os seres humanos podem informar e opinar disputando com o jornalista a exclusividade da intervenção jornalística.

### **1- Uma revolução para muito além nas comunicações**

O impacto das novas tecnologias no modo de produção depende de suas características intrínsecas e de como se dá sua apropriação social. A invenção das caravelas que podiam navegar contra o vento impulsionou o capitalismo mercantil. A invenção do motor pelos ingleses criou o capitalismo industrial, concentrador e capital intensivo.

A rede mundial da internet combina quatro funções principais relativamente distintas: a função **de transmissão** de dados, superando em muito a capacidade de transmissão do telefone, do telégrafo e do fax e do teletipo; a de **mídia**, a mais nova mídia, depois da invenção da TV nos anos 50, a função de **ferramenta de trabalho**, que permite acessar bancos de dados, fazer entrevistas, ler jornais e publicações de todo o mundo, e trabalhar em cima desse material; a função de **memória** de toda produção intelectual artística e

científica, na forma de arquivos digitalizados, acessíveis de qualquer parte do mundo. Além disso, exerce funções acessórias importantes no campo social, como articuladora de movimentos sociais e espaço de socialização.

Um dos efeitos dessa poderosa combinação é a desconcentração da produção. O oposto do que aconteceu com a revolução industrial que criou um novo modo de produção concentrador e dominado pelos que tinham capital para construir os motores, os capitalistas. Essa produção em escala mais barata destruiu os artesãos. Destruiu os ofícios. Surgiram campos de concentração da produção chamados fábricas, onde operários eram dispostos em torno das máquinas e posteriormente, na era fordista, em torno de uma linha de montagem. Fêz-se a separação entre produção e consumo. Entre o trabalhador e o fruto de seu trabalho. Fêz-se a alienação.

A revolução de micro- eletrônica de hoje leva a organização da produção a uma direção totalmente oposta, descentralizada. Um modo de produção que alguns especialistas chamam tentativamente de digital ou colaborativo, dotado de altíssimo nível de eficiência, e que ao mesmo tempo dilui a separação entre produtores e consumidores, reabre espaços para a produção independente e até a artesanal e comunitária.<sup>1</sup> Esse é o primeiro aspecto básico a ser considerado. É como se fosse uma contra- revolução industrial..

O segundo traço básico dessa nova tecnologia é o barateamento dos equipamentos portanto do custo, independente da escala de produção. Câmaras portáteis, gravadores, processadores de potencia cada vez maior e tamanho e custo cada vez menores. Pode-se montar uma central de produção ao custo de um equipameto doméstico, solapando o controle dos capitalistas sobre os meios de produção.

A autonomia relativa do trabalhador intelectual é o terceiro traço básico desse novo modo de produção. Qualquer pessoa, hoje, pode ser um produtor cultural, de vídeo , música, ou de jornal. É o que está acontecendo com os músicos que podem gravar seus próprios discos, jornalistas e organizações da sociedade civil que podem publicar seus jornais a custo baixo mesmo com tiragens pequenas ou montar sites a custo quase zero.

A internet permite ainda que sejam entrevistados com facilidade e precisão técnicos e personalidades em qualquer parte do mundo, sem que o jornalista precise dos recursos técnicos ou financeiros de uma grande empresa. Com a internet, cada trabalhador intelectual esteja onde estiver, tem acesso aos bancos de dados de todo o mundo, e aos jornais e revistas, que cada vez mais produzem também uma versão para internet. Cada um é autônomo na sua produção. E mais, todo mundo é autônomo na reprodução. Pode reproduzir o seu CD, a sua matéria e espalhar suas ideais e criações pelo mundo afora a partir de sua casa.

Certamente alguns traços essenciais da ideologia neo- liberal, dos novos valores e e concenções, das noavs relações de trabalho , tais como a flexibilização nos contratos trabalhistas, o culto ao indivíduo- empresário e à competição entre indivíduos, a de- regulação, tem uma sólida base na materialidade das novas tecnologias. Toda pesquisa de discurso, linguagem, papel e ética do jornalismo, deve considerar essas novas condições oriundas dos atributos materiais das novas tecnologias, no conterxto em que se dá sua apropriação.

Cabe a pergunta: esse trabalhador intelectual manterá essa autonomia , ou será submetido pelo grande capital, que resiste, tentando manter a dominação e a concentração através do controle dos canais de distribuição e até através da criação de conceitos novos que

---

<sup>1</sup> Conf. Yochai Benkler, entrevista a ÉPOCA, 01/05/06

criminalizam a reprodução autônoma, como, o de pirataria ? Outra reação do capital a esse processo são as mega-fusões. Elas podem ser vistas como tentativas de sobrevivência. São mega-fusões reativas, que tentam obstar o processo de fragmentação da produção, através de domínio de canais de distribuição, nos quais se dá a realização do lucro.

## **2- Desconcentração e fragmentação no mercado editorial.**

Depois de cinco séculos de continua concentração de capital na indústria da comunicação, a revolução da informática e da microeletrônica levou à uma fase de fragmentação do mercado midiático. Graças ao baixo custo de produção, mesmo para pequenas tiragens, multiplicam-se as publicações sobre os mais diferentes temas. Surgem todos os dias novas revistas temáticas mensais e semanais, e milhares de novos sites e blogs na internet. Graças à digitalização, o espectro televisivo multiplicou-se por cem admitindo até 500 canais .

As gigantescas rotativas inventadas no final do século XIX capazes de imprimir um milhão de exemplares de jornais ainda existem, mas os jornais são cada vez mais jornais virtuais. Cada vez mais o jornal é recebido pela pessoa sob uma forma imaterial. Ele lê o jornal na Internet. E já existe uma tecnologia pela qual você baixa um jornal e imprime numa folha plástica e, no dia seguinte aquela tinta se apaga e você usa a mesma folha plástica para imprimir o jornal do dia seguinte. As novas gerações lêem mais Internet do que jornal. Hoje, toda a produção científica já é disponibilizada pela Internet, não mais na forma impressa. Os exemplares impressos são em número reduzido para ficar em bibliotecas que também estão fadadas a desaparecer na sua forma material. Temos bibliotecas cada vez mais virtuais. O processo é muito rápido, violento, abrangente, profundo, ainda em curso, daí a dificuldade de conceituar, de entender e de saber até aonde vai. As bibliotecas convencionais tendem a se tornar apenas os depósitos de referência de novos livros e de acervos impossíveis de serem digitalizados.

Com a informática e a internet é celebrada a teceirização no jornalismo, forma discreta de decretar a morte da fábrica de notícias que é a grande redação. Os grandes jornalistas passam a trabalhar em suas casas, sem vínculo de emprego, como produtores efetivamente autônomos. Hoje, ninguém vai à Marginal do Tietê para entregar a matéria para qualquer revista da Abril, ou para o Estadão. Esses edifícios viraram monumentos à obsolescência desse modo de produção concentrada.

## **3- Implicações da internet na narrativa jornalística**

Os primeiros estudos sobre a linguagem da internet identificaram a forma narrativa chamada de **hipertexto**, na qual predominam os núcleos de enunciados (clarões), que se vinculam a outros núcleos, localizados em textos outros, que podem ser acessados através de **links**. Esse tipo de narrativa, ainda em fase de desenvolvimento, se assemelha, segundo Pierre Levy, à forma de percepção do ser humano baseada na associação ou identificação de imagens com significações já armazenadas na nossa mente. O hipertexto é fruto de duas características técnicas da internet aparentemente contraditórias: de um lado as possibilidades quase infinitas de associações de textos situados em locais distintos, mesmo remotos e de outro lado a severa limitação de espaço para leitura confortável pela internet.

No jornalismo sempre houve uma relação contextual direta entre tecnologia e formas narrativas. Assim, a invenção da taquígrafia numa época em que o Parlamento britânico era o centro das decisões políticas, instituiu os relatos "verbatim" dos debates parlamentares. Posteriormente, a invenção do telégrafo que cobrava por palavra transmitida, na era de

apogeu do jornalismo impresso, instituiu a linguagem econômica e objetiva, sem floreios, como a forma clássica da narrativa da notícia. Da mesma maneira, a eventual necessidade de cortar o despacho “pelo pé”, para que coubesse no espaço disponível do jornal, determinou a estrutura adotada até hoje do texto jornalístico: primeiro um resumo ( lead), depois os fatos pela ordem de importância e apenas depois os detalhes, também pela ordem de importância. Mais recentemente, a invenção dos gravadores portáteis instituiu o jornalismo das entrevistas em linguagem coloquial, não editada, legitimando inclusive as expressões chulas, inaceitáveis em eras anteriores.

O que mais muda na linguagem jornalística com as facilidades de transmissão e de fusões de linguagem propiciadas pela internet e pela digitalização? Ainda que o tempo de transmissão de um dado isolado pelo web seja o mesmo de todas as transmissões eletromagnéticas (telégrafo, teletipo, fax e telefone), na internet não há limites à quantidade de sinais que pode ser transmitida na velocidade próxima à da luz. Na internet, tudo é recebido em segundos e na forma de registro digital, pronto para ser processado, editado e reproduzido, inclusive registros algébricos, numéricos e de imagens.

Devido a esse grande ganho no tempo de transmissão e à facilidade de transmissão, que pode ser feita de qualquer ponto, a internet propiciou o surgimento de um novo tipo de narrativa jornalística, chamada “**jornalismo on-line**”, ou jornalismo em tempo real, no qual os fatos vão sendo narrados continuamente, em fragmentos de narrativa, curtos e pouco acabados, à medida que vão acontecendo e não depois que aconteceram. Como a internet surge no contexto de hegemonia do capital financeiro e de exacerbação dos mercados especulativos, que também se desenvolveram com base nas novas tecnologias, o jornalismo on line surge praticamente como sub-produto ou força auxiliar desse mercado. Dedicar-se a fatos que podem afetar o mercado financeiro, no qual segundos de antecipação no processo decisório podem ser valiosos.

O tempo do relato jornalístico era sempre um tempo deferido, posterior ao fato. No jornalismo on line, o tempo deferido é reduzido a quase zero. A partir do jornalismo on line, dá-se um processo novo de construção de noticiário que pauta outros meios de comunicação e alimenta os blogs da internet, e as telas noticiosas de cristal líquido e de plasma que hoje nos acompanham em todas as partes, nos ônibus, grandes avenidas, terminais de transporte, celulares, ipods e até no interior dos elevadores. Esse processo tem as seguintes características: é contínuo, é coletivo, envolve um grande número de atores, populares e não apenas jornalistas e quadros da elite. Algo semelhante ao que ocorreu com a pesquisa científica que se tornou um processo coletivo e não mais de um indivíduo genial, com o advento dos ciclotrons e outras grandes máquinas laboratoriais.

A internet modifica a qualidade dos sujeitos do diálogo; materializa como nenhum outro meio o papel da reciprocidade e da inter-subjetividade na formação dos sentidos das palavras e da narrativa. Inclui as pessoas comuns no processo de formação da agenda pública, assim como no processo de produção ou apropriação de sentidos de cada narrativa jornalística, o que traz para esse processo diferentes sistemas de significações, incluindo dogmas, superstições e preconceitos. Na internet, mais do que em outros suportes narrativos jornalísticos, pode-se estudar a relação entre linguagem e mente humana, entre linguagem e ideologia, entre linguagem e sistemas de saber.<sup>2</sup> O fato da internet transmitir

---

<sup>2</sup> As reações disparatadas dos internautas a um mesmo texto de internet parecem corroborar as teses de Gadamer de que palavras e enunciados só aquirem sentido em cada processo de interação.

todos os tipos de registros, gráficos, algébricos, numéricos, sonoros ou fotográficos num único suporte operacional e ainda permitir a elaboração direta nessa base de cálculos, gráficos e tabelas, levou ao surgimento dos infográficos, que combinam texto e informação estatística ou organogramas, percebidos pelo receptor como uma peça única, uma espécie de montagem gráfico-visual. O **infográfico** simplifica a absorção do conhecimento e pelo seu grande poder de persuasão tem sido usado como função ideológica mais do que informativa.

Nas pesquisas pela web a palavra adquiriu uma dimensão criptográfica ao mesmo tempo em que perdeu dimensão de signo. A busca não distingue resultados de significados diferentes originários de um mesmo significante. Mas já se anuncia uma próxima etapa, da “internet semântica”, que com base no recurso conhecido com “tag” associaria sentidos às palavras que estão sendo buscadas.

#### 4-Uma nova esfera pública?

Ao derrubar as barreiras à entrada e à saída da informação, e baratear todo o processo comunicativo, a internet permitiu, pela primeira vez, o efetivo exercício por todo ser humano, do direito de informar, como distinto do direito de ser informado. Por isso, ela define um novo tipo de esfera pública ontologicamente distinta e superior a que antes existia.<sup>3</sup> Uma esfera pública dotada de canais e ferramentas de interatividade total, e na qual cidadão e movimentos sociais se tornam atores principais, em contraste com a esfera pública anterior na qual elites pensantes e intelectuais orgânicos do sistema, em especial jornalistas, eram os atores principais.

Como meio de comunicação social, a internet se apresenta em quatro formas principais e não excludentes: **sites e portais**, que são amplos espaços com grande número de conteúdos e informações, inclusive publicidade e programas de venda direta; **boletins**, que são pequenos jornais ou newsletters em forma exclusivamente eletrônica, que não existiriam se não fosse a internet, **jornais e revistas on-line**, que são versões às vezes resumidas ou seletivas de publicações que já existiam e continuam a existir em forma impressa.

Como comunicação pessoal aberta a públicos limitados aparece na forma de blogs, **chats** ou **okurts**, e como comunicação estritamente privada, na forma de **e-mails**. Em todas essas modalidades, as intervenções são rápidas e diretas, a interlocução é total.

A internet permite o exercício da democracia direta, mesmo em sociedades de massa. É uma mídia muito adequada à comunicação interna, em grandes organizações, à comunicação entre profissionais, como os advogados, e sistemas legais ou oficiais, à comunicação alternativa, de grupos de ativistas e ONG's, e à prática da **cidadania digital**, pela qual o cidadão cumpre suas obrigações ou exerce seus direitos diretamente através da internet, acessando portais de autoridades e serviços públicos, antes fechados em sistemas burocráticos de difícil abordagem. A facilidade de atualização contínua, torna a internet e os bancos de dados virtuais especialmente apropriados para manter acervos cujos conteúdos mudam com muita frequência, como são os acórdãos da justiça, as leis em geral e os dados estatísticos. Definiu-se, em função dessas novas tecnologias um novo tipo de organização

---

<sup>3</sup> Conf. Britto, Rovilson Robbi. O ciber- espaço e a recuperação dialógica. Trabalho de Conclusão de Curso, ECA/USP, 2002

do Estado, chamado "Sociedade da informação", no qual o Estado adota políticas ativas de transparência e estímulo ao diálogo e à cidadania digital.<sup>4</sup>

O novo "cidadão digital" é um ser engajado. Pode ser de esquerda ou de extrema direita, mas é um engajado. Essa nova esfera pública expande-se continuamente atropelando a esfera pública convencional, e já é um dos importantes fatores das disputas política e por hegemonia. São milhares de sites e blogs criados a cada dia., alterando profundamente o espaço midiático dominado pela TV e pela video-política.

O movimento de Chiapas inaugurou, através da internet uma nova modalidade de ação política, de alto potencial organizativo, comunicativo e transformador. A Internet atropela partidos, estruturas e modos de fazer política. Já teve um papel fundamental na mobilização em 24 horas daquele um milhão de espanhóis, em Madrid, depois do atentado terrorista, levando à vitória inesperada de Zapatero. Da mesma forma, Internet e celulares tiveram papel central nas mobilizações de imigrantes desempregados na França e nas organizações e demonstrações de massa na Bolívia, Equador e Chile. A Internet foi decisiva para o sucesso dos Fóruns Sociais Mundiais. Na articulação dos ONGs e movimentos sociais, a internet tem tido papel decisivo, recuperando com vantagem o antigo papel atribuído por Lenin à imprensa partidária como "organizadora do movimento operário."

Os seguidores da visão apocalíptica dos meios de comunicação de massa ainda procuram o demônio escondido nas novas tecnologias. Mas, como disse Marx: "Tudo que é sólido se desmancha no ar". Está se desmanchando a comunicação de massa vertical e concentrada.. Está surgindo uma coisa nova. Pode ser que dure pouco. Pode ser que comecem a colocar controles sobre isso.<sup>5</sup>

### **5- A internet espaço de socialização**

A internet é também um novo hábito, cria costumes novos, como o sexo virtual, o chat. Na rede da internet, dá-se o diálogo entre os que nunca se conheceriam. A nova mídia é também o espaço de um novo tipo de socialização de grande alcance e capilaridade. É o mundo das orkuts e dos sites personalizados. É o mundo da inclusão de um grande número de indivíduos prejudicados por uma menor capacidade de absorção e formulação lógico-formal em outros suportes materiais do conhecimento, em especial nos livros.

Os costumes são determinantes dos valores éticos. Afastando fisicamente os indivíduos e os trabalhadores da comunicação, mas ao mesmo aproximando-os no espaço virtual, ou criando uma nova modalidade de interação indivíduo-indivíduo indivíduo- aparelhos de estado, indivíduos –sociedade civil, a internet reflete bem o ambiente moral da pós-modernidade, caracterizado por uma ética de singularidades, pela aceitação de praticamente todos os padrões de comportamento, de casamento, de vestimenta, hábitos e sexualidade.

Não por acaso, esse novo ambiente ético no jornalismo é adequado aos valores do neo-liberalismo econômico e foi instrumental ao seu processo de implantação. A internet paradoxalmente é o espaço em que melhor se manifesta o fenômeno da fragmentação ética de nossos tempos, mas também o refúgio ideal dos libertários, dos que não se resignaram.

<sup>4</sup> Ver OCDE. Consultation and Communication: integrating multiple interests into policy. Public Management occasional papers, N. 17.

<sup>5</sup> Ver "Cidadão digital", Gazeta Mercantil, 4/04/1998. Nos estados Unidos o ciberespaço também é um espaço de articulação de grupos fascistas e terroristas. Conf. As redes do extremismo. Onias Rodrigo. TCC. ECA/USP, 1998.

## **6- Ruptura da demarcação entre o público e o privado**

A internet derrubou a demarcação entre comunicação pessoal e coletiva, e portanto entre os conceitos do público e do privado. A mensagem da internet pode ser filtrada, mas em geral não pede licença para entrar no seu computador. Acaba a demarcação entre o público e o privado. Na Internet, não sabemos se a comunicação é pública ou privada. Até hoje não se fez um protocolo que estabeleça essas regras para a internet. Tudo é público. Tudo é privado. E o privado se torna público. Você manda um informe para um amigo, por um e-mail e, no dia seguinte, ele mandou o mesmo informe para trinta destinatários pelo comando “encaminhe-se.”: E os trinta mandaram para outros trinta..E aquilo acaba indo para milhões. O acesso ao sistema irrestrito, tanto pelo emissor quanto pelo receptor. E graças ao baixo custo operacional, a mensagem, seja qual for o seu tamanho, pode ser enviada e re-enviada a um número quase infinito de receptores.

Uma carta de protesto ou um documento enviado de uma pessoa para a outra, transforma-se de repente numa circular que corre toda a world wide web. Nesse espaço, nessa mídia, ainda se pode manter uma distinção entre conteúdos de interesse público e de interesse privado, mas ela com frequência transforma comunicação pessoal em comunicação social. E não há um código de ética que indique se e quando isso pode ser feito. Já há marcadores e filtros para mensagens pornográficas, e aos poucos haverá marcadores que digam que a mensagem é estritamente pessoal e não deve ser retransmitida. Mas, quem garante que serão obedecidos, e é tão fácil retransmitir?

## **7. Ruptura do conceito de direito autoral**

A internet implode o conceito de direito autoral por dois motivos: Primeiro, qualquer pessoa pode copiar. E segundo, não tem mais sentido reproduzir uma obra inteira, um CD inteiro ou o livro todo; as pessoas reproduzem o que lhes interessa em cada coleção de músicas ou em cada livro.

Esse fenômeno já vinha se manifestando desde a invenção da máquina copiadora xerox, gerando várias reações. Por um lado, foram criados livros de um tamanho tal a tornar a cópia mais cara do que a compra do original. Mas a evolução das máquinas xerox detonou essa solução. Surgiram então as campanhas dizendo que era anti-ético xerocar livros e depois as leis proibindo cópias extensas. Mas quem obedece?

A tecnologia da cópia xerox é tão forte que ela modificou os hábitos acadêmicos. Hoje, estudantes em todo o mundo estudam capítulos de livros copiados em máquinas xerox, e não mais os livros inteiros. Só se lêem trechos de livros. Esse é um exemplo notável de como uma nova tecnologia cria novos hábitos e os novos hábitos geram novos valores. Esse é o processo de modificação da moral e dos códigos de ética. Copiar capítulos de livros era um valor negativo, uma conduta condenável.

Ainda coexistem duas éticas em relação à cópia. O grande capital tenta emplacar o conceito de “pirataria”, para criminalizar a cópia. Mas a conduta mais comum é a de ter sempre à mão as cópias dos capítulos que o professor recomendou. O próprio livro mudou de função, e é hoje muito mais a matriz das cópias que serão feitas pelos tempos a fora, do objeto inerte de estudo e leitura.

## **8. O enfraquecimento da demarcação entre o falso e o verdadeiro**

A Internet tem se mostrado também espaço ideal para a disseminação de assertivas falas porque aceita qualquer mensagem sem que sejam certificadas, seja de sua autoria, seja da

sua veracidade. E as mensagens espalham-se rapidamente não só como verdade, mas como uma verdade que os meios convencionais quiseram esconder.

Quando os meios convencionais de informação falseiam ou caluniam ou difamam, podem ser acionadas as leis de imprensa. Mas não há ainda uma lei de imprensa para a internet. A lei de imprensa tem sido aplicada apenas em alguns casos, em que a informação falsa, difamatória ou caluniosa, foi disseminada por um veículo de comunicação eletrônica devidamente registrado, no caso uma newsletter. Mas se a mensagem ofensiva foi disseminada por uma comunicação interpessoal que se disseminou pelo mecanismo forward? Pode-se aplicar uma lei de imprensa?

Na internet reabrem-se discussões clássicas da ética jornalística, como o conflito entre o interesse público e o respeito à privacidade, entre responsabilidade e liberdade. Nesta fase ainda de transição, uma parte considerável do jornalismo da internet, em especial os blogs, não conseguiu reestabelecer a distinção entre narrativa jornalística, que deve se pautar pela veracidade dos fatos e interesse público, e a mera especulação ou mesmo bisbilhotice.

A restauração dessa demarcação é pre-condição para a recuperação da legitimidade e autoridade da narrativa jornalista, portanto do jornalismo como o campo que conheciamos até pouco tempo, constituído por uma ética específica, e atribuição de papéis por delegação da sociedade.

### **9- O fim da periodicidade como critério do produto jornalístico**

Um veículo é jornalístico quando atende os critérios de periodicidade, novidade e interesse público. Com a internet acaba a periodicidade, acaba essa definição de produto jornalístico. Por isso, os produtos que por motivos técnicos ainda tem que manter periodicidade, com as revistas e jornais, criam sites e blogs que antecipam suas matérias e reportagens “em tempo real. Quando um jornal escala seu correspondente em Brasília para fazer um blog, é porque o próprio jornal não pode esperar o dia seguinte. E ele quer dar uma identidade a esse novo espaço, não quer que seja apenas uma agência de notícia do jornal, que os outros jornais depois vão pegar. Então, ele estimula os seus jornalistas a criarem os seus blogs. Tudo isso é transitório, mas evidencia o fim da periodicidade. O tempo é contínuo agora no jornalismo.

### **10- Inverte-se a relação entre jornais e agência de notícias**

A web como meio de transmissão é também um novo tipo de agência de notícias que rompe a verticalidade e concentração das agências tradicionais. Alimenta não apenas jornais a partir de escritórios centrais, também ONGs, produtores intelectuais independentes e movimentos políticos e sociais. Invertem-se alguns papéis: está comprovado que a internet é hoje o meio de informação jornalística mais denso, mais rico, que se utiliza de mais fontes. E, no entanto, as fontes da Internet são os jornais. O jornal que devia se valer de uma agência de notícias, operação típica de uma Internet, vira agência de notícia da Internet. É lá que ela vai buscar as suas informações..

### **11- O meio é a mensagem**

De novo, MacLuhan. Derrubou-se a demarcação entre meio de informação e mercado, já que num site você se informa sobre o preço e oferta de uma mercadoria e ao mesmo tempo efetiva a transação comercial.

### **12- Dilui-se a demarcação entre emissor e receptor**



Na Internet quebra-se a verticalidade na relação autor/leitor. O leitor interage, questiona, intervém e acaba se tornando um autor ele - mesmo. A interatividade não tem limite na nova tecnologia. Na internet todos são emissores e receptores. E mais, na Internet, os usuários criam o tempo todo novas ferramentas. O usuário é também um inventor. É também um repórter. É também um comentarista. Ofusca-se a demarcação do jornalismo como um campo social, como um conjunto de regras, de relações, de atribuições de papéis que legitimem uma certa prática. Quais são os papéis? Quem é na Internet o jornalista? E quem não é? E o que ele pode fazer e o que não pode? O blog é jornalismo, ou não é? E onde é que fica a ética jornalística, um das mais importantes fios condutores nessa teia de regras que se chama jornalismo. O jornalismo como campo social está sendo desafiado, ou seja, a profissão está sendo desafiada. Isso já começou antes, quando a comunicação começou a penetrar em todos os caminhos da sociedade. Jornalismo e comunicação começaram a se misturar muito. o que tem implicações éticas muito importante na identidade da profissão. Essa teia de relações que definiam o jornalismo foi num certo sentido corrompida porque os papéis foram subvertidos. O campo jornalismo como profissão foi invadido pelo homem comum.

## BIBLIOGRAFIA

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. São Paulo, Paz e Terra, 1999.

CULLER, Jonathan.. As idéias de Saussure. São Paulo, Cultrix,1976.

GADAMER, H. G. Philosophical Hermeneutics. EUA, Un. California Press, 1977.

LAGE, Nilson. Linguagem jornalística. São Paulo, Ática, 1985

LEVY, Pierre. O que é virtual. São Paulo, Ed 34, 1997

LEVY , Pierre. Cibercultura. São Paulo, Ed 34, 1999

MCLUHAN, Marshall.Os meios de comunicação como extensão do homem. Sãopaulo, Cultrix, 1969.

NEGROPONTE, Nicholas. A vida digital. São Paulo, Cia das letras, 1995

NICHOLAS, N.A vida digital. São Paulo, Cia das Letras, 2002.

ORIHUELA. José L. Intenret: nuevos paradigmas de comunicación.. Chasqui, Vol 77, 2002.

SCHAFF, A . A . A sociedade informática: as conseqüências sociais da Segunda revolução industrial.. São Paulo, Brasiliense, 1995